

PONTO DE VISTA: “Foro Global Ciudad y Coronavirus: Una Ecuación Compleja”

Fernanda Sánchez - PPGAU/UFF, ANPUR (2019-2021) e rede Urbanistas contra a Covid-19.

Data: Quinta-feira, 26 de março de 2020, 10.00 às 12.00 (hora do Equador)

Links: <https://ca.bbcollab.com/guest/85c3515575bd42a3813834bcc97e8163>,

Facebook live: Civitic Estudios Urbanos e Youtube live: Civitic Estudios Urbanos.

O principal objetivo desta reunião foi conhecer e debater os impactos que a Covid-19 está produzindo em diferentes cidades do nosso planeta, considerando os seguintes casos e expositores:

1. Para a América Latina e o Caribe: **Quito**, com a participação de Paulina Cepeda e Fernando Carrión, Departamento de Estudos Políticos de FLACSO Equador.
2. Pela Europa: **Barcelona** e **Veneza**, com reflexões de Dolors Comas e Jordi Borja, Universidade Aberta da Catalunha (UOC); e Laura Fregolent, Università IUAV de Veneza.
3. Para a América do Norte: **Nova York**, com intervenções de Michael Cohen e Margarita Guttman, The New School.
4. Para a Ásia: **Pequim**, com a participação de Liao Fan, Instituto de Direito Internacional, Academia Chinesa de Ciências Sociais (CASS) (exposição em inglês).
5. Para a Oceania: **Sidney**, representado por Vladimir Canudas, Universidade Nacional da Austrália (ANU).

O Fórum **Ciudad y Coronavirus: Una Ecuación Compleja** foi convocado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO-Ecuador), Município do Distrito Metropolitano de Quito (MDMQ) e pela Rede de Estudos Universitários Urban (Civitic). Diversas redes se juntaram à organização do evento (25) e instituições (64) globalmente, preocupadas com o impacto que pode produzir a Covid-19 nas cidades do planeta. Em nível global, as discussões se concentraram nos impactos que tem o vírus nos sistemas de saúde, no emprego e na economia, além dos efeitos que está causando nas cidades e em seus cidadãos. Segundo os organizadores, se levarmos em conta que as cidades são o espaço de acomodação de mais de 55 por cento da população mundial, cabe a pergunta, como a dinâmica desses moradores mudará na atual emergência sanitária? Que cidades terão emergência dessa crise? O que o planejamento urbano pode fazer para combater essas pragas recorrentes? O principal objetivo deste Primeiro Fórum Global foi criar um espaço para debate, sobre os principais impactos da Covid-19 nas cidades. Foram definidos quatro temas centrais e transversais para os continentes, que serão também objeto de um segundo fórum global, num prazo de 15 dias, para avaliar as políticas públicas para a pandemia.

Síntese das exposições e dos debates:

A apresentação de Fernando Carrión e Paulina Cepeda, anfitriões do Fórum, teve como foco o tema da Desigualdade na América Latina em tempos de pandemia Covid-19. A tese destes palestrantes é que a desigualdade conduz à vulnerabilidade e à maior exposição ao risco. Consideraram o quadro de ineficiência da saúde pública em grande parte dos países da América Latina. Apontaram para as questões advindas do incremento do uso das tecnologias de comunicação e de teletrabalho. Entretanto,

também apontaram para as brechas tecnológicas que se encontram e se intensificam entre as classes sociais nas cidades. Quanto ao itinerário da pandemia, os autores mostraram que, embora os primeiros casos tenham atingido a classe média e alta, a mais conectada da população, hoje os grandes contaminados são os setores populares. Trata-se de um fenômeno urbano que atinge o continente mais desigual do planeta, a América Latina e, ao mesmo tempo, o mais urbanizado, com 84% das pessoas vivendo em cidades, com 53% dos trabalhadores na informalidade, atravessando uma crise econômica e política sem precedentes, e com um déficit habitacional de 45%, ou de aproximadamente 59 milhões de pessoas.

Com a pandemia, há um incremento da vulnerabilidade. Ao pobre, ao vulnerável, ao informal habitante da rua, desde sempre criminalizado, soa estranho o chamamento: “Quédate em casa”, “Fique em casa”. Mas, em qual casa? “Lave as mãos”, mas com qual água? A instauração desta situação limite, da pandemia, mobiliza antigas e presentificadas questões acerca da desigualdade abissal.

Em diversas cidades da América Latina ouvem-se explosões sociais, barulhaços, protestos, que emergem da polifonia das janelas e conectam pessoas as quais, se bem estão isoladas em suas casas, estão também integradas em múltiplas redes e escalas. Nestes tempos velozes do vírus, o que parece se configurar de modo cada vez mais claro é o fracasso do modelo neoliberal de cidades e países, com ênfase para o colapso das agendas privatizantes para a saúde.

A exposição de Dolors Comars D'Argemir e de Jordi Borja teve como foco as questões da informalidade, das desigualdades no mundo do trabalho e de gênero nas sociedades urbanas atravessadas pela Covid-19. Dolors colocou foco nas questões de gênero entrelaçadas às desigualdades. Chamou a atenção para as diversas (in)justiças que as relações de gênero suscitam, inclusive nas diversas manifestações de violência doméstica do momento presente. A palestrante apresentou um breve painel da situação aguda na Espanha, com 54 mil infectados até a data do Fórum, com processos de fuga das cidades, sobretudo das grandes cidades, na busca por cidades e regiões menos atingidas pelo vírus. Buscou apresentar a problemática especial das cuidadoras de idosos, com diversos níveis de desproteção, seja no âmbito intra-doméstico, onde cuidam dos maiores adultos, seja no transporte público e na cidade. Para ela, urge uma política de assistência específica para essas trabalhadoras mulheres. Dolors Comars chamou a atenção para o problema dos sem-teto, para as necessárias políticas orientadas a esse grupo social, especialmente o das mulheres sem-teto, com a provisão de alojamentos seguros e instalações adequadas ao enfrentamento da pandemia. Para ela, uma “cidade funcionando” é uma cidade democrática, posto que o vírus mata, mas a desigualdade mata também. Jordi Borja complementou com algumas questões relativas às classes sociais com a emergência da crise viral. Elas teriam desaparecido ou se diluído, uma vez que o vírus atinge indistintamente ricos e pobres? Num mundo urbano habitado por trabalhadores autônomos, precários e precarizados, imigrantes e refugiados, torna-se evidente a assimetria das chances de sobreviver nas cidades. Borja também indaga: o que vai acontecer depois da guerra contra o vírus? Que cidades irão emergir e serão afirmadas como projeto de sociedade? Como poderemos nos preparar para eventuais novas epidemias ou pandemias?

Diante das questões anteriormente levantadas pelos expositores, penso que cabe, dentre as lutas a serem travadas, a luta de comunicação, que desafie o grande discurso, *mainstream*, evocado pelas agências multilaterais e por diversos governantes, de que, na pandemia, “estamos todos no mesmo barco”. “Não. Não estamos no mesmo barco. Quando muito, no mesmo mar. Alguns estão agarrados a um tronco, enquanto outros estão em um iate” (frase anônima que circulou nas redes no dia 18 de março de 2020, ainda no início do isolamento social no Brasil).

Margarita Guttman trouxe de volta o tema da criminalização de quem vive na rua. A expositora refletiu, especialmente, acerca do avanço da pandemia em Nova York, “a partir do ventre da baleia”. Aproveitou para fazer um contraponto entre as cidades de NY e Buenos Aires que são, para a autora, “duas cidades, dois mundos”. Destacou a importância da liderança política na condução da resposta ao avanço do vírus. Guttman avalia que a medida da qualidade de vida urbana deveria ser a saúde da população e não a metragem de infraestrutura instalada. A autora desafiou as grandes matrizes do urbanismo contemporâneo, o planejamento *mainstream*. Ela indagou “onde estão os brados da *Smart City*? “Onde estão as funções das cidades sustentáveis?” Como ficam, na atual situação, os objetivos saudáveis para as cidades? Ao estabelecer a comparação com a cidade de Buenos Aires, Margarita se reporta a uma frase da Mafalda, personagem do Quino: “Paren el mundo que quiero bajarme!”. Neste “mundo podre” a autora destaca que, enquanto faz falta liderança política na condução do caso em NY, o presidente recentemente eleito Alberto Fernández, na Argentina, conseguiu construir um alinhamento de ações com o governo da CABA (Ciudad Autónoma de Buenos Aires), da grande Buenos Aires. Este alinhamento está orientado pelo lema “a saúde do povo em primeiro lugar”. Entretanto, há enormes desafios a serem enfrentados. A violência na casa das pessoas, a desigualdade na distribuição espacial das tecnologias de informação e comunicação (TICs).

O palestrante que deu seguimento às apresentações do Fórum saudou os participantes: “Olá, aqui fala Michael Cohen, diretamente da grande maçã podre”. A assertiva frase foi movida pelos fatos mais recentes: treze mortos em um mesmo hospital, no dia do debate do Fórum, três milhões de pedidos de seguro social, desemprego crescente, falta de suprimentos nos mercados. Nova York entrou no rol de metrópoles mundiais com crescimento exponencial do número de pessoas afetadas pelo vírus. O estremecimento mundial diante do avanço da doença suscita a questão: como serão as cidades que vão emergir depois da crise? Para Cohen, a *Big Apple* sairá muito mais podre desta experiência. Por outro lado, a experiência do isolamento e a impossibilidade de sair às ruas para fazer compras coloca, na vida das famílias, os limites e potencialidades de uma vida sem consumo, trazendo as questões da soberania alimentar, da agroecologia nas cidades e do consumo de produtos da localidade, em vez da compra em hipermercados genéricos.

O último expositor foi Liao Fan, da Academia Chinesa de Ciências Sociais (CASS), com sua reflexão sobre o caso de Pequim, no contexto do enfrentamento da doença na China, um país de 1,4 bilhão de habitantes. Liao colocou o foco de sua fala no *lifestyle* da contemporaneidade pós-Covid-19. Os impactos da pandemia afetam a sociedade em diversas dimensões: na vida familiar, posto que todas as pessoas experimentaram mais

tempo com suas famílias durante a quarentena; no uso dos sistemas de transporte e de mobilidade, pelos riscos que os mesmos apresentam; e no controle social, pela ativação das tecnologias de controle da vida privada. Para ele, no futuro pós-pandemia a vida saudável será mais importante do que a “vida colorida”, aquela do espetáculo e do consumo. O autor coloca que há na sociedade chinesa, e em nível mundial, um senso de risco e incerteza a partir da deflagração da pandemia de alcance global.

Muitos expositores chamaram a atenção para a importância das lideranças comunitárias, dos movimentos sociais, estudantis e populares no acionamento de redes colaborativas para o enfrentamento da pandemia. Diante do vazio provocado pela ausência de ações governamentais, aquelas coordenadas e orientadas pelo saber científico e pelo bem-estar público, as pessoas se conectam em redes de amparo, solidariedade e ação civil. Trancadas em suas casas por um inimigo invisível, elas têm a percepção de que seu destino, assim como o álcool gel, está ao alcance das suas próprias mãos.